

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

CAROLINA GARCIA DE CARVALHO SILVA PIRES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O LETRAMENTO DIGITAL COMO PARTE
DA FORMAÇÃO CIDADÃ**

JUIZ DE FORA
2018

CAROLINA GARCIA DE CARVALHO SILVA PIRES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O LETRAMENTO DIGITAL COMO PARTE
DA FORMAÇÃO CIDADÃ**

Artigo apresentado como requisito parcial
para aprovação no Curso de
Especialização Mídias na Educação, da
Faculdade de Educação, Universidade
Federal de Juiz de Fora.

Orientadoras: Prof.^a Dr.^a Tâmara Lis Reis Umbelino
Prof.^a M.^a Adriana Marques Ferreira

JUIZ DE FORA
2018

CAROLINA GARCIA DE CARVALHO SILVA PIRES

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O LETRAMENTO DIGITAL COMO PARTE
DA FORMAÇÃO CIDADÃ**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Tâmara Lis Reis Umbelino
Orientadora

Prof.^a M.^a Adriana Marques Ferreira
Orientadora

Membro da banca

Membro da banca

SUMÁRIO

1 Introdução	5
2 Fundamentação Teórica	7
2.1 <i>A importância da Educação de Jovens e Adultos.....</i>	7
2.2 <i>O letramento digital na EJA: uma necessidade urgente.....</i>	8
3 Metodologia.....	11
4 Análise dos dados obtidos.....	13
4.1 <i>Perfil dos alunos.....</i>	13
4.2 <i>Proposta didática da escola para a EJA.....</i>	14
4.3 <i>Atividades e projetos de letramentos digitais.....</i>	16
4.3.1 <i>Uso do Laboratório de Informática e acesso à internet.....</i>	16
4.3.2 <i>Uso de materiais audiovisuais.....</i>	17
4.3.3 <i>Uso de games digitais.....</i>	18
4.4 <i>A visão dos discentes.....</i>	18
5 Considerações finais	20
Referências.....	20

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O LETRAMENTO DIGITAL COMO PARTE DA FORMAÇÃO CIDADÃ

Carolina Garcia de Carvalho Silva Pires¹

Resumo

Este artigo tem como apresentar a importância do letramento digital nas aulas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos. Considerando-se que os discentes dessa modalidade de ensino não puderam acessar ou permanecer na escola na idade em que lhes era de direito – sendo as causas econômico-sociais as mais frequentes nesses casos –, busca-se refletir sobre o letramento digital como uma necessidade para a inclusão social desses sujeitos. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo, após fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o papel da EJA bem como sobre a importância do letramento digital, apresentar uma análise de atividades desenvolvidas em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora. Os resultados apontam que os discentes, das mais diversas faixas etárias, sentem-se engajados nos projetos da escola, pois estes associam a formação para a cidadania com a inclusão digital.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Inclusão Digital. Letramento Digital. Cidadania.

1 Introdução

Segundo Di-Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 59-60), a Educação de Jovens e Adultos (doravante, EJA) é uma das “arenas importantes onde vêm se empreendendo esforços para a democratização do acesso ao conhecimento”. Como apontam trabalhos de diversos autores (HADDAD e DI-PIERRO, 2000; OLIVEIRA, 2005; PAIVA, 2005; SILVA et al., 2012), a EJA no Brasil vivenciou muitas mudanças no decorrer da história do país, sendo ainda hoje essencial sobretudo para aqueles que não tiveram acesso à escola quando criança. Dessa forma, em geral, os alunos têm uma história vivenciada nas periferias, sem acesso adequado à cultura, à arte, ao lazer. Por isso, encontram na escola a oportunidade de vivenciarem novas experiências, sendo incentivados a se tornarem sujeitos da construção de seu próprio conhecimento.

Além disso, uma das oportunidades frequentemente negada a esse público é o acesso às novas tecnologias. No cotidiano escolar, é possível constatar que muitos alunos usam celulares e redes sociais, mas poucos possuem computadores, por exemplo. Observa-se também que há grande dificuldade de acesso a *games*,

¹ Professora da Rede Municipal de Juiz de Fora. Licenciada em Letras (Português, Espanhol e Latim) e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* carolinagcs@hotmail.com.

hipertextos, produções audiovisuais de qualidade, dentre outras mídias. Contudo, sabe-se que nos dias atuais é essencial saber ler e interpretar produtos veiculados em tais mídias, que permeiam as mais diversas situações do cotidiano (ROJO e MOURA, 2012). Ademais, a escola deve propiciar aos alunos a produção de materiais multimidiáticos, indo além dos materiais impressos convencionais.

Para elaboração deste trabalho, a pesquisa de campo foi desenvolvida na Escola Municipal Dante Jaime Brochado, situada no bairro Santo Antônio, região Sudeste de Juiz de Fora. Nessa instituição, a EJA, oferecida no turno noturno, conta com seis turmas, atendendo alunos das Fases I a IV, correspondentes do 2º ao 5º ano, e das Fases V a VIII, correspondentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Busca-se, ao analisar as atividades desenvolvidas pelos professores e alunos, trazer evidências da relevância do letramento digital para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, no momento atual, ter acesso e poder compreender as mais diversas tecnologias é essencial para o exercício pleno do sujeito na sociedade.

A fim de cumprir tal objetivo, foram desenvolvidos, nesta pesquisa, o presente artigo e dois produtos práticos, quais sejam: vídeos e reportagem. Estes foram disponibilizados em uma página especial² no *site* que foi desenvolvido durante todo o curso de Especialização em Mídias na Educação, como um portfólio de trabalhos. Tal página tem como tema: “Educação de Jovens e Adultos: sempre é tempo de aprender”. Em conjunto, o artigo e os produtos buscam mostrar a importância da EJA não só na Escola Municipal Dante Jaime Brochado, mas também para todas as classes populares excluídas no país.

Este texto está organizado da seguinte maneira: na seção 2, é feita uma revisão bibliográfica acerca da importância da EJA no Brasil e do letramento digital. Espera-se mostrar a necessidade de que a inclusão digital seja proporcionada aos alunos dessa modalidade de ensino, a fim de que eles tenham acesso aos mais diversos tipos mídias. Na seção seguinte, descreve-se a metodologia de pesquisa; na seção 4, analisam-se dados levantados na referida escola municipal, coletados por meio de entrevistas e diário de pesquisa. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as possíveis contribuições desta pesquisa para trabalhos futuros.

² Disponível em: <<https://sites.google.com/view/profcarolgarcia/tcc>>.

2 Fundamentação teórica

2.1 A importância da Educação de Jovens e Adultos

O grande desafio da escola na atualidade é o de promover uma educação:

[...] com respeito integral aos direitos de todas as pessoas e uma formação cidadã, em que elas possam ser agentes e atores do projeto de uma sociedade livre, igualitária, solidária e socialmente justa – uma sociedade, de fato, democrática, fundamentada nos pilares da igualdade de direitos e na liberdade (CAPUCHO, 2012, p. 12).

Entretanto, sabe-se que na sociedade brasileira esse direito foi cerceado a muitos cidadãos. Assim, o que permitiu o surgimento da EJA no Brasil foi uma luta histórica de enfrentamento às mais diversas formas de exclusão social (CAPUCHO, 2012, p. 22). Portanto, o cenário em que se insere essa modalidade de ensino reflete uma realidade de profunda desigualdade social.

Nesse sentido, de acordo com Giovanetti (2011, p. 244), deve-se levar em conta que esses jovens e adultos que chegam à escola o fazem em busca de um direito que foi perdido na idade adequada. São pertencentes às camadas populares, excluídas socialmente e se afastaram da escola ou não permaneceram nela sobretudo por problemas econômico-sociais. Segundo a autora, “conceber os jovens e adultos das camadas populares como sujeitos significa acreditar em sua capacidade de superação dos dilemas intrínsecos à sua condição de exclusão social” (GIOVANETTI, 2011, p. 251).

Em outros termos, deve-se conceber a educação como “direito de cidadania, mas também é um meio de acesso à cidadania, tanto por ser uma possibilidade para participação social, política, econômica” (CAPUCHO, 2012, p. 28).

Em virtude disso, é preciso considerar, como aponta Arroyo (2011), a trajetória humana desses indivíduos, de modo que “o espaço formador terá que se configurar reconhecendo que esses jovens e adultos vêm de múltiplos espaços deformadores e formuladores onde participam” (ARROYO, 2011, p. 25). Levar em conta as necessidades desses sujeitos é essencial para que eles sejam os protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

Diante de tamanha diversidade de espaços, contextos e sujeitos, deve haver um olhar diferenciado dos educadores da EJA, que devem buscar práticas pedagógicas múltiplas, com metodologias e didáticas adequadas que, simultaneamente, garantam o acesso “ao conhecimento historicamente produzido”

(CAPUCHO, 2012, p. 97) e o respeito às suas necessidades particulares de aprendizagem.

Uma dessas necessidades, que precisa ser explorada pelos professores nas aulas ministradas na EJA, é o acesso às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Explorar as mais diversas possibilidades, como o acesso aos computadores e à internet – usando redes sociais, *blogs*, hipertextos, *e-mail*, mapas –, além de explorar materiais audiovisuais, fotografias, jogos, dentre tantas outras mídias, pode não só aumentar a motivação dos alunos, mas também propiciar uma educação que promova, de fato, o exercício da cidadania. Sobre isso tratará a próxima subseção.

2.2 O letramento digital na EJA: uma necessidade urgente

O uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) nas salas de aula tem sido uma demanda crescente, em virtude da necessidade de inclusão digital. Bastos (1997) aponta que a relação entre tecnologia e educação amplia os horizontes do conhecimento, de modo que o aluno seja capaz de usar a máquina como instrumento de uma ação libertadora que o insere na sociedade.

Capucho (2012) associa a educação digital como forma de inclusão social, que é fundamental para o sucesso das práticas escolares na EJA. Nas palavras da autora:

Compreendendo ser fundamental, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, combater o efeito cumulativo de carências múltiplas, a incorporação da educação digital como estratégia de inclusão social ganha espaço estratégico, para não aprofundar a divisão social e potencializar a participação cidadã de setores populares da sociedade. (CAPUCHO, 2012, p. 112)

Com efeito, a escola tem hoje o papel fundamental de não apenas apresentar as práticas tradicionais de leitura e escrita aos alunos, mas também prepará-los para o uso das mídias digitais, tendo em vista as novas demandas que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) têm trazido para a sociedade. Dessa forma, desenvolver competências e habilidades no uso das multimídias na escola pode despertar o interesse dos alunos para o ensino de leitura/escrita. Ademais, incentiva a aprendizagem colaborativa e possibilita a divulgação dos materiais produzidos em rede.

Contudo, como aponta Uliano (2016, p. 15), “o simples fato da [*sic*] tecnologia estar inserida no contexto escolar, como os laboratórios de informática, não justifica

a inserção desta no currículo como forma de aprendizagem”. Observamos nas práticas escolares um uso superficial do potencial das NTIC nos processos de ensino-aprendizagem. O Laboratório de Informática, por exemplo, presente na maioria das escolas, é subutilizado, muitas vezes em virtude da falta de preparo dos professores (ODORICO et al., 2012). Porém, tal espaço poderia ser amplamente utilizado na promoção das práticas de (multi) letramentos dos alunos (ROJO e MOURA, 2012).

Dentre os múltiplos letramentos possíveis – impresso, visual, artístico, etc. –, Dudeney, Hockly e Pegrum teorizam sobre os letramentos digitais. É interessante que os autores usam o termo no plural, já que no universo nas (NTIC) são vários os letramentos necessários. Segundo os autores, os letramentos digitais são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (DUDENEY, HOCKLY e PEGRUM, 2016, p. 17). Os pesquisadores ressaltam que, mesmo nessa comunicação em meio digital, tais habilidades dependem do conhecimento linguístico.

Dessa forma, os letramentos digitais estão intrinsecamente ligados ao uso das habilidades linguísticas. Contudo, muitos professores ainda têm a concepção de que usar as diferentes tecnologias, como, por exemplo, o computador, seria algo que os estudantes já sabem, ou, ainda, que seria apenas do professor de Informática a tarefa de ensiná-los. Assim, grande parte das aulas das mais diversas disciplinas continua centrada no texto impresso. A esse respeito, Dudeney, Hockly e Pegrum alertam que “ensinar a língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras” (DUDENEY, HOCKLY e PEGRUM, 2016, p. 19).

Dessa forma, é papel da escola contribuir com a inclusão digital dos alunos. E isso implica o uso das ferramentas digitais também no ensino de leitura e escrita. Portanto, é fundamental que os professores de todas as disciplinas passem a explorar as NTIC a fim de que a escola possa, de fato, promover ações de inclusão digital, pois, na atualidade, ser excluído digitalmente é algo tão ruim para o indivíduo quanto a ser analfabeto.

Dentre as práticas de letramento digital, destacam-se as seguintes neste trabalho: uso do computador; acesso à internet (com finalidades diversas); trabalho de análise e produção de material audiovisual e uso de *games*.

O **uso do computador** pode ser feito em todas as disciplinas, pois tal equipamento ajuda na construção do conhecimento do aluno (ODORICO et al, 2012). Uso de aplicativos diversos, como editores de texto, de imagem e de planilhas, podem ser explorados no ensino de escrita, matemática, artes, etc. Ademais, é importante propor atividades em que o aluno aprenda a usar o *mouse* e o teclado, pois são ferramentas essenciais no uso de tal equipamento.

Por seu turno, o **acesso à internet** amplia ainda mais o uso do computador, possibilitando o acesso a hipertextos, mapas, *blogs*, *e-mails*, memes, redes sociais e tantos outros recursos que associam texto, áudio e imagem, enriquecendo o acesso à informação. Compreender os mais diversos gêneros digitais e produzi-los pode tornar as aulas prazerosas, de modo que os alunos se sintam engajados no processo de produção do conhecimento (ROJO e MOURA, 2012; CAPUCHO, 2012).

Com respeito ao letramento digital voltado para o **audiovisual**, há diversos tipos de materiais que podem ser explorados pelos professores (COUTINHO, 2006). Primeiramente, pensando-se a respeito dos materiais produzidos voltados para o ensino, há uma grande diversidade de vídeos didáticos destinados à explicação de um conteúdo específico. A vantagem de se usar esse tipo de recurso é a facilitação de compreender conceitos abstratos e a exemplificação prática de questões muitas vezes dadas apenas teoricamente.

Um segundo grupo de materiais audiovisuais envolve aqueles que não foram produzidos com propósito de ensino propriamente. Assim, ao trabalhar com esse tipo de recurso, o professor tem duas opções: usá-lo como complemento de um conteúdo que está sendo trabalhado – finalidade geralmente mais comum nas salas de aula –, ou torná-lo o próprio objeto de estudo. Neste último propósito é que talvez resida os maiores desafios para os professores.

Por sua vez, experiências com o cinema na escola têm sido relatadas como muito entusiasmo por diversos professores e pesquisadores das mais diversas disciplinas (BARROS, 2013; NAPOLITANO, 2005). O trabalho tanto com obras ficcionais quanto com documentais podem promover o interesse pela arte cinematográfica, a análise dos elementos que compõem as cenas, o trabalho com as linguagens verbal e não verbal, a contextualização histórica, a intertextualidade com a literatura, os jogos de luz e sombras, dentre tantos outros aspectos. Além disso, criar um ambiente diferente para a projeção dos filmes, ou mesmo levar os

alunos a uma sala de cinema, pode proporcionar-lhes uma experiência estética que, talvez, muitos deles ainda não tiveram chance de experienciar.

Cabe ainda ressaltar que os alunos podem produzir seu próprio material audiovisual, sem a necessidade de equipamentos complexos para isso. Os alunos podem filmar com o próprio celular cenas do cotidiano e publicar no *YouTube*, por exemplo.

Quanto ao **games**, segundo Prensky (2001), são “o passatempo mais interessante na história da humanidade”. Pensando no processo educacional, o autor afirma que é plenamente possível e desejável associar o a diversão à aprendizagem, promovendo maior engajamento dos alunos. Por isso, os games têm sido cada vez mais usados nas escolas, por sua variedade de possibilidades, adaptando-se aos mais diversos objetivos de aprendizagem.

Os *games* digitais promovem a interação, tanto do jogador com o computador quanto do jogador com os demais participantes. No primeiro tipo de interação, o uso de games com os alunos da EJA é uma interessante estratégia para inseri-los no mundo da informática, já que muitos não têm computador em casa. Assim, por meio dos jogos, eles podem conhecer o funcionamento do mouse e do teclado, por exemplo. Em relação ao segundo tipo de interação, Prensky destaca que o “jogo promove a formação de grupos sociais” (p. 15) e que jogos em grupos é mais divertido que sozinho. Portanto, como o próprio autor afirma, “a idade não é barreira para aprender e jogar games no computador” (p. 27).

A partir da compreensão do que é letramento digital e as mais diversas práticas que o envolvem, passaremos, na próxima seção, a expor a metodologia utilizada na pesquisa, para, em seguida, apresentar e analisar os dados encontrados na EJA da Escola Municipal Dante Jaime Brochado.

3 Metodologia

Esta pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, que possibilita um contato maior com os envolvidos na pesquisa e, por seu caráter exploratório, é ideal para analisar comportamentos e motivações de determinado grupo (MINAYO, 2010). Neste trabalho, a pesquisadora também atua como professora da EJA na escola estudada, o que pode parecer, a princípio um fator complicador. Entretanto, de acordo com Bortoni-Ricardo, em sua obra acerca da pesquisa em sala de aula:

[...] é tarefa da pesquisa qualitativa em sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42)

Ademais, a autora afirma que as pesquisas realizadas em sala de aula podem promover, muito além da reflexão e análise sobre o contexto pedagógico, ações que resultam na melhoria das práticas cotidianas:

Uma grande vantagem do trabalho do professor pesquisador é que ele resulta em uma “teoria prática”, ou seja, em conhecimento que pode influenciar as ações práticas do professor, permitindo uma operacionalização do processo **ação-reflexão-ação** [...]. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 48, grifo nosso)

Como primeiro instrumento de pesquisa, foi utilizado o *diário de pesquisa*, que ajuda a conciliar as tarefas de professor e de pesquisador, de modo que não se esqueçam detalhes descritivos importantes, conforme sugere Bortoni-Ricardo (2008, p. 49). Associado a esse diário, foi realizado um amplo registro fotográfico das atividades das turmas da EJA, para facilitar a recuperação de informações³.

O segundo instrumento de pesquisa foi a realização de *entrevistas* com a coordenadora da EJA na escola, duas professoras, três bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência)⁴ e dois alunos⁵. Buscou-se conduzir as entrevistas deixando o entrevistado o mais à vontade possível, “para que sua fala não se revista de muita formalidade”, muito embora sabe-se que a entrevista é marcada por uma assimetria na interação entre entrevistador e entrevistado (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 127). Os participantes assinaram um Termo de Consentimento de participação na pesquisa e de publicação de imagem e áudio.

Tendo em vista a abordagem metodológica e os instrumentos de pesquisa escolhidos, segue a descrição do método, para que, na seção subsequente, seja feita a análise dos dados obtidos.

³ Parte desse registro fotográfico foi transformado em um vídeo, publicado no site <<https://sites.google.com/view/profcarolgarcia/tcc/videos>> como produto associado a este Trabalho de Conclusão de Curso.

⁴ O Pibid é um programa da Capes, voltado para a formação de professores, que proporciona bolsas a alunos de licenciatura para que desenvolvam atividades pedagógicas sob supervisão de um professor da escola e um coordenador da universidade. Fui supervisora do Pibid, no subprojeto Letras-Português durante o período de 2014-2018. Foram desenvolvidos diversos projetos na escola, dentre os quais atividades de letramento digital.

⁵ Trechos das entrevistas, gravadas em vídeo e áudio, foram publicadas em uma reportagem também disponibilizada no site <<https://sites.google.com/view/profcarolgarcia/tcc/reportagem>>.

Contexto de pesquisa: EJA, oferecida no turno noturno, da Escola Municipal Dante Jaime Brochado, localizada no bairro Santo Antônio na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais.

Pergunta exploratória: como são realizadas as práticas de letramentos digitais na EJA da referida escola?

Objetivo geral: analisar o impacto, na comunidade escolar, dos projetos e das práticas educacionais de letramentos digitais oferecidos aos alunos da EJA.

Objetivos específicos: investigar como é o uso do Laboratório de Informática por alunos e professores; verificar quais atividades com acesso à internet são realizadas; analisar o uso de materiais audiovisuais nas aulas de diversas disciplinas; descrever como é feito o uso de *games* no ensino de leitura e escrita; discutir sobre o impacto social que as práticas de letramentos digitais proporciona aos alunos.

4 Análise dos dados obtidos

4.1 Perfil dos alunos

Na Escola Municipal Dante Jaime Brochado (EMDJB), no turno noturno são oferecidas para a EJA duas turmas bisseriadas, uma com as Fases I e II e outra com as Fases III e IV, correspondentes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental (EF) regular e quatro turmas com as fases finais (V a VIII), correspondentes aos anos finais do EF. Os dados disponibilizados pela escola (EMDJB, 2018) foram sumarizados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Turmas da EJA na EMDJB

Turma	Fase	Número de alunos	Idade mínima	Idade máxima
1 (bisseriada)	I	06	37 anos	73 anos
	II	06	28 anos	74 anos
2 (bisseriada)	III	08	28 anos	84 anos
	IV	10	20 anos	77 anos
3	V	15	17 anos	57 anos
4	VI	16	16 anos	59 anos
5	VII	27	17 anos	58 anos
6	VIII	35	16 anos	53 anos
<i>Total</i>		123	16 anos	84 anos

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de EMDJB (2018).

Um dos aspectos que mais chamam atenção nesses dados é a variedade de faixas etárias, havendo predominância de alunos idosos nas fases iniciais. A princípio, as diferenças de idades geraram alguns problemas na escola, como aponta a professora de Língua Portuguesa Maria Aparecida Amorim, que trabalha na escola há cinco anos com a EJA:

Os mais velhos chegaram à escola com aquela ideia de que perderam muito tempo e queriam avançar e estavam necessitados muitas vezes do trabalho para uma promoção, para conseguirem um trabalho melhor, de completar o ensino fundamental. E os alunos de 15 anos não estavam muito animados a continuar os estudos e achavam que vindo estudar à noite eles teriam oportunidade de passar de qualquer jeito e poderiam continuar fazendo a bagunça que estavam acostumados a fazer na parte da tarde. (AMORIM, entrevista concedida em 2018)

Após alguns anos de trabalho e dedicação da equipe de profissionais da escola, essa realidade conflituosa foi mudando:

Então, nós tivemos que conversar muito e mesclar essas turmas de adolescentes com os mais velhos. E esses mais velhos começaram a nos ajudar bastante, porque eles começaram a conversar com esses alunos mais novos, explicando pra eles a necessidade que eles tinham, que caminhos eles tinham percorrido, para estarem ali com aquela idade, ainda para completar o ensino fundamental. Isso foi de grande ajuda pra gente, né? Para nós professores, para nossa equipe para que eles pudessem então entender, para amadurecer, que a EJA era uma modalidade de ensino diferente, uma modalidade de aprendizado diferente. (AMORIM, entrevista concedida em 2018)

A proposta de trabalho da escola por meio de projetos e temas interdisciplinares a cada semestre foi fundamental para a mudança de postura dos alunos, como será analisado a seguir.

4.2 Proposta didática da escola para a EJA

A EJA, na EMDJB, busca valorizar os alunos e incentivá-los no seu crescimento pessoal, profissional, formando cidadãos críticos e conscientes de sua realidade. São propostos temas interdisciplinares a cada semestre. Os alunos produzem trabalhos que são apresentados em um ou dois eventos semestrais, sendo um momento de compartilhamento de conhecimento, arte e cultura.

Nessas mais diversas atividades, como afirma a professora Shirley Ferreira, os discentes “se sentem muito valorizados”. Além disso, ela comenta: “Eu digo para eles é que nós somos portadores de histórias e essas histórias merecem ser valorizadas”. (FERREIRA, entrevista concedida em 2018). Essa valorização da autoestima do educando na EJA é fundamental, já que a maioria dos alunos,

residentes na periferia da cidade, vive em situação socioeconômica muito desfavorável, à margem dos direitos básicos. E, para permanecerem na escola, precisam de muito esforço.

A atual coordenadora da EJA na escola, a pedagoga Roberta Bertuhan, aponta diferenças essenciais nessa modalidade de ensino: o currículo e a metodologia adotada. Ela comenta:

Os alunos que estudam no ensino regular são geralmente de uma única faixa etária, com uma proposta curricular já pré-selecionada [...]. E na EJA também a gente tem uma proposta, mas é um trabalho diferenciado com esses alunos. Tem que trabalhar de uma forma diferenciada. No município, a gente trabalha a partir da proposta dos eixos temáticos. (BERTUHAN, entrevista concedida em 2018)

A riqueza de possibilidades de trabalho com eixos temáticos é o que torna o trabalho da EJA, simultaneamente, desafiador e gratificante. Os professores precisam preparar materiais diversificados, adaptados às necessidades dos alunos. Além disso, precisam se propor a trabalhar de modo interdisciplinar. Nota-se um bom resultado na EJA da escola pesquisada em virtude desse trabalho integrado e também por propostas que vão além da sala de aula, como nos exemplos citados pela professora:

Nós também levamos esses alunos para fora da escola para que eles conhecessem a realidade lá fora. Então trabalhamos levando-os para teatro, museu, cinema, parques, para conhecer um pouco a cidade, porque muitos tinham falado que não tinham saído nem do bairro que eles moram. Então, Juiz de Fora para eles é como se fosse outra cidade. O bairro seria toda a vida deles, toda a cidade. E conhecer JF, conhecer a amplitude da cidade, conhecer outros caminhos, outra realidade, para eles sempre foi tudo muito importante. Então nós trabalhamos tentando ampliar esse horizonte dos alunos. (AMORIM, entrevista concedida em 2018)

Dessa forma, nota-se, na fala da professora, o engajamento da equipe de professores em ultrapassar os limites do muro da escola, promovendo, de fato, a inclusão dos alunos na sociedade e proporcionando experiências educativas que superam a sala de aula. Assim, ainda nas palavras da professora:

Agora todos estão percebendo que é diferente, que estamos preparando eles para a **cidadania**, para a vida, para o mercado de trabalho. (AMORIM, entrevista concedida em 2018)

A seguir, trataremos outros exemplos analisados na escola de atividades promotoras da formação cidadã, mas atreladas à inclusão digital dos alunos.

4.3 Atividades e projetos de letramentos digitais

4.3.1 Uso do Laboratório de Informática e acesso à internet

No turno noturno, uma queixa frequente dos alunos era o fato de não haver um professor de Informática. A fim de solucionar esse problema, ou ao menos minimizá-lo, os professores das demais disciplinas das turmas fases V a VIII começaram a usar mais os computadores com as mais diversas finalidades. Por exemplo, quando o tema trabalhado foi Regionalismos e Diversidade Cultural, os professores propuseram diversas atividades mediadas pelo computador. O professor de Geografia trabalhou mapas no *Google Maps*; o de Ciências ensinou os alunos a fazerem buscas na *Wikipedia*; a de Português e a de História propuseram a produção de textos e ilustrações, tendo como produto final uma produção coletiva de poemas dos alunos. Todas essas práticas, em conjunto, ajudaram os alunos a aprender a pesquisar e a também produzir materiais, utilizando ferramentas e recursos disponíveis na internet.

Outro tema trabalhado foi o Mundo do Trabalho, sobre o qual a professora Maria Aparecida Amorim relata:

Então, por exemplo, quando nós trabalhamos a questão da Cidadania e o Mundo do Trabalho, nós vimos que eles não sabiam como fazer um currículo mínimo, como se comportar numa entrevista de trabalho, como se dirigir às pessoas, o tipo de linguagem, mais formal, mais informal, como eles iam se vestir para essa entrevista, como eles iam se comportar diante das relações de trabalho. Então nós trabalhamos com filmes, com currículos, nós trabalhamos com entrevistas. (AMORIM, entrevista concedida em 2018)

Nessas atividades, também interdisciplinares, os alunos puderam digitar seus currículos no editor de textos, ver vídeos no *Youtube* e refletir sobre as variações linguísticas. Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa foi contextualizado à realidade e à necessidade dos alunos, promovendo o uso *real* da língua.

Por outro lado, o trabalho com as turmas das fases iniciais no Laboratório de Informática era muito mais complicado na escola, pelo fato de haver predominância de idosos, ou seja, acima de 60 anos. Quase todos esses alunos não usam celular, muito menos computador. Eles eram levados ao laboratório com pouca frequência, e apenas para jogar *games* de alfabetização muito infantilizados.

Por isso, em parceria com os bolsistas do Pibid, foi proposto um projeto de ensino de Língua Portuguesa mediado pelo computador, com idas semanais ao Laboratório de Informática. Sobre o projeto, a bolsista Jacqueline Guedes comenta:

Visto que esses alunos são mais velhos, é muito importante para eles a inserção tecnológica, para eles não ficarem defasados. Eles precisam se inserir no mundo do trabalho e essa inserção na tecnologia vai ajudar na inserção também no mundo letrado. (GUEDES, entrevista concedida em 2018)

Na primeira parte das atividades, foi necessário instruir os alunos quanto ao uso básico do computador, explicitando-se a função do teclado e do mouse. A partir disso, partiu-se para as aulas de Língua Portuguesa, em que foram trabalhados, inicialmente, grupos de palavras relacionadas ao cotidiano dos discentes, sendo solicitado, a seguir, que eles as digitassem usando o teclado. Nesse processo, foram feitas perguntas sobre as letras e os nomes, incentivando a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, pois alguns já sabiam escrever o próprio nome e ler palavras simples. Posteriormente, foram entregues fichas com frases simples e repetiu-se o método de indagação e ativação dos conhecimentos prévios.

4.3.2 Uso de materiais audiovisuais

Como já mencionado na seção anterior, os professores da EJA da EMDJB têm buscado, cada vez mais, usar vídeos em suas aulas, sobretudo do *Youtube*, seja para ilustrar um conteúdo da aula, seja para ser analisado.

Além disso, uma das práticas recorrentes na EJA é a exibição de filmes. O projeto, denominado Cinema na Escola, busca promover a cada semestre pelo menos um filme nacional. Já foram exibidos os filmes “*Pro da nascer feliz*”, “*Que horas ela volta?*”, “*Quem matou Eloá*”, dentre muitos outros. É um momento de reunião das turmas no Espaço Cultural da escola, no qual se busca proporcionar um ambiente muito parecido ao cinema. Após a exibição do filme, é feita uma discussão sobre temas evocados nos filmes e também é proposta alguma atividade com uma produção escrita.

Mais recentemente, tem-se buscado fazer com que os discentes também produzam seus próprios vídeos. Em um trabalho interdisciplinar, divididos em grupos, os alunos fizeram fotografias e pequenos vídeos do bairro. O vídeo final foi editado e exibido na culminância semestral. Nessa atividade, os alunos perceberam as belezas e histórias que estão no próprio bairro, mas que muitas vezes, pela pressa do cotidiano, passam despercebidas. Ainda neste semestre, foi proposto

que os alunos fizessem um vídeo⁶ para os professores. Eles ajudaram na construção do roteiro e atuaram nas cenas, que foram gravadas separadamente e depois editadas em um único vídeo.

4.3.3 *Uso de games digitais*

A fim de associar o ensino de leitura ao uso das tecnologias, foram desenvolvidos jogos inéditos, em que foram trabalhados os processos de alfabetização.⁷ Em formato de *quiz*, os jogos eram simples, mas ajudavam muito a desenvolver, por um lado, a habilidade de usar o *mouse* e, por outro, a ler palavras e frases. A bolsista Marilene Eveling conta como surgiu a ideia de desenvolvimento desses jogos:

Eram pessoas que não tinham contato nenhum com o computador. Além disso, muito não eram alfabetizados. Então a gente teve a ideia de unir essas duas coisas, né? A inclusão digital e a alfabetização. E aí a gente começou a criar uns jogos [...] que auxiliavam na alfabetização desses alunos. (EVELING, entrevista concedida em 2018)

Observou-se, com o uso desses jogos nas aulas no Laboratório de Informática, que os alunos mais idosos se sentiam mais animados com as tarefas e também o medo de usar o computador foi diminuindo a cada aula.

Vale ressaltar, ainda, a relevância desse projeto para a formação dos futuros docentes, pois, como afirma o bolsista Fábio Conegundes: “Foi muito bom esse contato com a EJA, pois a gente não aprende nada sobre isso na universidade” (CONEGUNDES, entrevista concedida em 2018). Tal afirmação aponta para a necessidade de um novo olhar sobre a EJA nos cursos de licenciatura, para que os profissionais cheguem à escola com melhor preparo para trabalhar nessa modalidade de ensino.

4.4 *A visão dos discentes*

É visível, no cotidiano escolar, a motivação dos alunos quando vão ao Laboratório de Informática. Por exemplo, um aluno afirmou:

Eu sempre quis tirar carteira de motorista, mas sempre achei que seria impossível. A prova é muito difícil e é no computador. Mas agora tô aprendendo a ler e também tô aprendendo a usar o computador. Agora sim

⁶ Esse vídeo foi publicado no *site* <<https://sites.google.com/view/profcarolgarcia/tcc/videos>> como produto associado a este Trabalho de Conclusão de Curso.

⁷ Dois exemplos de *quizzes* desenvolvidos especialmente para as turmas das Fases I a IV, ainda em fase de alfabetização, estão disponibilizados no *site* <<https://sites.google.com/view/profcarolgarcia/tcc/jogos>>.

vou poder tirar minha carteira de motorista. (ALUNO 1, entrevista concedida em 2018).

O aluno em questão é um senhor de 68 anos. É impressionante sua motivação para aprender a ler e a escrever. Além disso, ele vê na oportunidade de estar na escola muito mais do que a busca do conhecimento, mas também a realização do sonho de tirar a carteira de motorista. Ele também comenta o uso dos *games* que foram propostos para ajudar os alunos na alfabetização:

Esses joguinhos são muito legais. Não é igual àqueles que a gente jogava antes, que parecia coisa de criança com musiquinhas bobas. Desse jeito eu tô aprendendo a achar as palavras. E também adoro escrever no computador. O texto fica tão bonito. (ALUNO 1, entrevista concedida em 2018)

Sobre o uso de materiais audiovisuais, seja na sala de vídeo ou no espaço cultural da escola, observa-se que os momentos que mais despertam interesse dos alunos são os de exibição de filmes. Sobre a exibição do longa-metragem *Que horas ela volta?*, um discente afirmou:

Eu gosto muito das discussões depois do filme. Parece que a gente aprende melhor e percebe coisas que não tinha percebido antes. (ALUNO 2, entrevista concedida em 2018)

O mesmo aluno participou ativamente da elaboração do vídeo em homenagem aos professores e comentou:

Eu adorei participar da gravação do vídeo. Me deu vontade de ser ator ou então de ser professor. Eu gosto muito dos meus professores aqui, eles preocupam se a gente está aprendendo mesmo. Pois é, quem sabe eu não vou ser professor? Mas eu sei que ainda vou ter que estudar bastante, né? (ALUNO 2, entrevista concedida em 2018)

Muito provavelmente, o fator que mais encanta a todos no trabalho com a EJA, sobretudo com os alunos idosos, é a relação de confiança estabelecida entre professor e aluno, que deve ser uma conquista diária na prática educacional. Dessa forma, verifica-se não apenas nas falas dos profissionais que atuam na escola, mas sobretudo nas falas dos próprios alunos, que devem ser os protagonistas do processo de aprendizagem, o quanto as práticas educacionais podem impactar positivamente em suas vidas.

5 Considerações finais

Como foi visto, a EJA tem como finalidade propiciar o direito à educação a jovens e adultos advindos de situação socioeconômica desfavorecida e que sofreram e/ou sofrem grande exclusão social. Dessa forma, “para esses sujeitos, o acesso à educação de qualidade social é condição para o empoderamento pessoal, social, econômico e político, bem como para que exerçam e ampliem seus direitos” (CAPUCHO, 2012, p. 64).

As atividades e projetos de letramentos digitais desenvolvidos na EJA da Escola Municipal Dante Jaime Brochado sinalizam que os alunos, de fato, sentem-se mais interessados no processo de ensino-aprendizagem e veem na escola uma oportunidade de acessar o conhecimento historicamente produzido e, ao mesmo tempo, de valorizar também o conhecimento que já trazem consigo em consequência de sua trajetória de vida.

Portanto, levar a inclusão digital a esses cidadãos é também contribuir com sua inclusão na sociedade brasileira, empoderando-os de modo a tomarem consciência de sua realidade e da possibilidade de transformá-la. Busca-se, assim, que esta pesquisa possa contribuir com a formação de docentes para a EJA. Em trabalhos futuros, espera-se apresentar novas práticas de letramento digital de discentes jovens e adultos.

Referências

- ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. pp. 19-50.
- BARROS, Cristiano. Cine Ler: o cinema em sala de aula como recurso estimulador para a formação de novos leitores. In: **Anais do I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins**, UFT/Araguaína–TO, 11 a 13 de novembro de 2013. p. 76-86.
- BASTOS, João Augusto de Souza Leão. Educação e tecnologia. **Educação & Tecnologia**, UTFPR/Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-29, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1007>>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 136 p.
- CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012. 150 p.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

DI-PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 55, p. 58-77, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. [Tradução de Marcos Marcionilo]. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 352p.

GIOVANETTI, Maria Amélia G. C. A formação de educadores de EJA: o legado da educação popular. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. pp. 243-254.

HADDAD, Sérgio; DI-PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 108-130, mai./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ODORICO, Elizandra K.; NUNES, Denilson M.; MOREIRA, Alex; OLIVEIRA, Helen; CARDOSO, Andréa. Análise do não uso do laboratório de informática nas escolas públicas e estudo de caso. **Anais do XVIII WIE**. Rio de Janeiro, 26 a 30 de novembro de 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: FÁVERO, Osmar; IRELAND, Timothy Denis (Orgs.). **Educação como exercício da diversidade**. (Coleção educação para todos; 7). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. Disponível em: <http://www.alexandrenascimento.net/biblioteca/edu_exerc_diversidade.pdf#page=59>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: direito, concepções e sentidos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, 2005. Disponível em: <http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/2/TDE-2006-08-11T111132Z-303/Publico/UFF-Educacao-Tese-JanePaiva.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PRENSKY, Marc. **From Digital Game-Based Learning**. McGraw-Hill, 2001. [Cap. 5: Fun, Play and Games: What Makes Games Engaging]

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Adelson Ferreira; SILVA, Geovani de Jesus; OLIVEIRA, Julia Maria da Silva; CRUZ, Neilton Castro da. **Educação de Jovens e Adultos**. (Pedagogia, Módulo 6, Vol. 3). Santa Catarina: UESC-EAD/UAB, 2012. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/modulo_8-bloco_3/educacao_jovens_e_adultos/modulo_EJA-pedagogia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ULIANO, Kelly C. Machado. **Tecnologia Digital de Informação e Comunicação (TDIC) na Educação**: aplicativos e o mundo tecnológico no contexto escolar. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Curso de Especialização em Educação e Cultura Digital. Florianópolis, 2016. 50p.

Arquivo consultado

EMDJB. Escola Municipal Dante Jaime Brochado. **Relação nominal de turmas 2018**. Juiz de Fora, 2018.

Entrevistas

ALUNO 1. Aluno da Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 22 de maio de 2018.

ALUNO 2. Aluno da Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 22 de maio de 2018.

AMORIM, Maria Aparecida. Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 29 de maio de 2018.

BERTUHAN, Roberta. Coordenadora da EJA na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 29 de maio de 2018.

CONEGUNDES, Fábio. Bolsista do Pibid Letras-Português na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 11 de junho de 2018.

EVELING, Marilene. Bolsista do Pibid Letras-Português na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 11 de junho de 2018.

FERREIRA, Shirley. Professora do projeto Contadores de Histórias na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 15 de junho de 2018.

GUEDES, Jacqueline. Bolsista do Pibid Letras-Português na Escola Municipal Dante Jaime Brochado. Entrevista concedida em 11 de junho de 2018.